

**Fausto Viana, Maria Eduarda Borges, Maria Clara Sousa Lima, Eduardo Torres,  
Fernanda Ramos, Décio Hernando, Maria Isabel Mello,  
Lucimar C. R. H. Paciullo e Reinaldo Paciullo (Orgs.)**

# **Tenda de Umbanda Oca de Tupã do Caboclo Tuano**

*43 anos de boas histórias*

ISBN 978-65-88640-94-4  
DOI 10.11606/9786588640944

Organização: Fausto Viana, Maria Eduarda Borges, Maria Clara Sousa Lima, Eduardo Torres, Fernanda Ramos, Décio Hernando, Maria Isabel Mello, Lucimar C. R. H. Paciullo e Reinaldo Paciullo (Orgs.)

Direção de arte e diagramação: Maria Eduarda Borges

Capa: Maria Eduarda Borges

Revisão: Márcia Moura

Foto da Capa: Fausto Viana

Fotografias do trabalho: Fausto Viana e Maria Celina Gil.

**Catálogo na Publicação**  
**Serviço de Biblioteca e Documentação**  
**Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo**

T291                      Tenda de Umbanda Oca de Tupã do Caboclo Tuano [recurso eletrônico] : 43 anos de boas histórias / organização Fausto Viana ... [et al.]. – São Paulo: ECA-USP, 2023.  
PDF (189 p.) : il. color.

ISBN 978-65-88640-94-4  
DOI 10.11606/9786588640944

1. Umbanda. 2. Rituais religiosos. 3. Religiões afro-brasileiras. 4. Memória. 5. Oca de Tupã. I. Viana, Fausto.

CDD 21. ed. – 299.672

Elaborado por: Alessandra Vieira Canholi Maldonado CRB-8/6194

Autorizo a reprodução parcial ou total desta obra, para fins acadêmicos, desde que citada a fonte, proibindo qualquer uso para fins comerciais.



Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada.

Todos os esforços foram feitos para que nenhum direito autoral fosse violado no *Tenda de Umbanda Oca de Tupã do Caboclo Tuano: 43 de boas histórias*. As fontes citadas foram explicitadas no texto ou em notas de rodapé ou de fim, e as imagens foram pesquisadas para creditar seus autores. Porém nem sempre foi possível encontrá-los. Caso algum texto esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, entre em contato com Fausto Viana que teremos prazer em dar o devido crédito.

Universidade de São Paulo

Reitor: Prof. Dr. Carlos Gilberto Carlotti Junior

Vice-reitor: Profa. Dra. Maria Arminda do Nascimento Arruda

Escola de Comunicações e Artes

Diretora: Profa. Dra. Brasilina Passarelli

Vice-diretor: Prof. Dr. Eduardo Henrique Soares Monteiro

Avenida Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443

Cidade Universitária CEP-05508-020



# INTRODUÇÃO

*Fausto Viana*

A ideia de uma edição comemorativa dos 43 anos da Oca de Tupã, terreiro que tenho frequentado como assistência, ocasionalmente, há quase 15 anos, não foi minha: ela partiu do Eduardo Torres, que conversou com o Décio Hernando (que já tinha o desejo de ver uma publicação assim), que por sua vez conversou com o Sr. Nene e a Dona Nena, que gostaram muito da ideia!

O trabalho não seria completo sem um grupo de pessoas que pudesse contribuir significativamente: percebeu-se que o grupo todo de médiuns da Oca eram estes colaboradores. Todos foram chamados a contribuir, em alguma instância, com depoimentos, fotos, lembranças, sugestões...

Foi o mesmo Eduardo Torres - sabendo do meu interesse pelo tema “religiosidade e seus componentes” – que conversou comigo sobre a publicação. Sugeriu a criação de um grupo menor de filhos da casa para pensarmos juntos a materialização da obra. Conseguimos uma turma muito bacana e escolhida a dedo para que a tarefa fosse levada a sério, com muito respeito, afetividade e diversão, claro.

Este é um bom momento para agradecer a estes jovens coautores. São eles: Eduardo, Décio, Fernanda, Isabel, Lucimar e Reinaldo.

A equipe era bem especializada em assuntos de terreiro e umbanda, mas não em publicações. Assim, reforcei a equipe com um convite à Maria Eduarda Borges, que nos últimos anos tem trabalhado comigo em diversos livros e nesta edição colaborou com os textos e na direção de arte: diagramação, tratamento de imagens, em resumo, o conjunto visual do trabalho. Maria Celina Gil foi convocada para fazer as imagens atuais do terreiro e agradeço enormemente pelo seu olhar tão afetivo.

Como o Universo conspira a nosso favor, ainda que nem sempre nos demos conta ou saibamos o que está acontecendo, chamei a Maria Clara Sousa Lima, uma jovem estudante de Têxtil e Moda na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para trabalhar conosco. Maria Clara tem uma história pessoal muito interessante: seu pai, Diógenes de Oliveira Lima (1960-2010) era babalorixá de um terreiro de Candomblé, o Ilê Asé Bara Oni Caboclo Zaraunde. Seus familiares pertenciam ao mesmo terreiro e ela foi iniciada ainda criança, antes da passagem do seu pai carnal e espiritual para o mundo etéreo. Assim, o trabalho na Oca de Tupã nos pareceu uma oportunidade singular de traçarmos um modelo e uma metodologia de pesquisa que pudesse ser aplicada não só pela Maria Clara, buscando sua ancestralidade, como por qualquer um que desejasse investigar terreiros do passado ou do presente. Disponibilizar o material para acesso gratuito no Portal de Livros Abertos da USP nos pareceu a maneira mais democrática de tornar o trabalho público, facilitando seu acesso.

O momento não poderia ser mais propício para a documentação das manifestações africano-brasileiras, das quais deriva a Umbanda, que rege o terreiro Oca de Tupã. Se por um lado há ataques sistemáticos contra estas religiões, gerados muitas vezes por fortes interesses de grupos de outras crenças que não raro buscam lucratividade - mistura explosiva esta, religiosidade, monetarização e política – também se desperta o interesse e a curiosidade naqueles que buscam a beleza e a verdade do ritual.

Nos pareceu que o livro a ser lançado deveria ter também utilidade para os médiuns, os filhos da casa e aqueles da assistência que desejassem saber mais da instituição à qual recorrem. Uma espécie de



Assim, seria importante traçar os caminhos percorridos nos 43 anos de existência da Oca de Tupã, buscando registrar de maneira clara os dados da sua fundação: quem estava no início, como e quando começou, os conceitos que segue... O entendimento do ritual: o espaço em que as atividades de desenvolvem, as músicas cantadas, alguns ritos de cura, como o congã foi montado. Como um médium deve se preparar para uma gira – antes, durante e depois, passando até mesmo pelas roupas a serem usadas nos ritos.

Para nós da equipe de trabalho, externos ao terreiro, ficou a clara sensação de que as obrigações de um médium de umbanda não estão restritas ao momento da gira - muito pelo contrário: seu trabalho se expande para o cotidiano, nas atitudes cotidianas do médium, em palavras e ações.

A estrutura do trabalho seguiu o seguinte formato: buscamos, em conversa com a pequena equipe de trabalho, definir pontos que fossem importantes para todos os que frequentam a Oca: as origens e formação do terreiro; as mudanças de espaço; o congã; os trajes, os pontos cantados; as giras; algumas diretrizes do terreiro e boas sugestões para a prática mediúnica.

Para elaborar os textos que agora apresentamos, optamos por conversar, através de entrevistas, com os mais velhos do terreiro: Sr. Nene, Dona Nena, Dona Dalva, Sr. Norberto (que pediu para não colocar “senhor”, mas não é possível: o homem é um ícone!) e o Décio (que é “jovem”, mas é... “velho” em conteúdo).

Dizem que a umbanda é uma família - pois na Oca de Tupã, a definição nunca pareceu mais acertada. O Sr. Nene e a Dona Nena casaram e tiveram seus filhos, dos quais o Décio e a Lucimar são filhos na casa. O Décio se casou com a Lucimara, médium da casa e filha da Dona Dalva, mãe da Adriana, casada com o Rogério. A Lucimar se casou com o Reinaldo, e o filho deles, o Gabriel, vem ensaiando os toques para ser ogã. E nós vamos puxando a cordinha com quem as pessoas vão se

relacionando e chegamos até a assistência, onde estão os amigos, os conhecidos, os demais familiares... e que se tornam parte de um grupo afetivo, cujo elo comum são os trabalhos da umbanda.

Família também briga, se afasta, volta, reconsidera, recomeça. É vida que segue.

Entrevistamos o Décio e a Lucimara juntos; depois, o Reinaldo e a Lucimar; pedimos a contribuição da Claudinha e do Rogério por escrito, no dia a dia atribulado deles; entrevistamos a Fernanda junto com o Sr. Norberto, a atual e o antigo controlador da porteira<sup>1</sup> na corrente, papel fundamental dentro do terreiro e o Eduardo, que tem frequentado a casa há mais de 30 anos. Tivemos uma conversa muito animada com a Dona Maria José, que hoje é benzedeira na Oca, além de ser costureira. Impossível não se apaixonar. Conversamos também com a Família Sadoyama, que frequenta o terreiro também há mais de 30 anos - a matriarca, Dona Dolores, completou 93 anos. O mais novo, o Kira, é o boleiro oficial da Oca.

As entrevistas se revelaram muito mais interessantes e complexas do que se poderia supor, razão pela qual optamos por publicá-las na seção Entrevistas. Há momentos de grande interesse para o terreiro em si - fundação, desenvolvimento e mais. Mas percebemos que há muito mais interesse humano em alguns depoimentos do que esperávamos: a história de amor do Sr. Nene e da Dona Nena, deliciosa até para os corações mais empedernidos; a história do terreiro da mãe da Dona Dalva – experiência que por si só já daria outro livro completo, com as histórias contadas pela Dona Dalva e pela Lucimara; a história e a trajetória de vida da Dona Maria José... Fomos ouvindo as histórias aos poucos, com café e bolo, ou refrigerante e alguma coisa gostosa junto, porque a comida destrava a língua, ajuda a memória, estimula a afetividade. Muitas vezes estas pessoas permitiram nossa aproximação de maneira tão gentil que materializaram seu amor pela umbanda, pelo

<sup>1</sup> Barbosa Junior, sobre a porteira, diz assim: “Tronqueira. Entrada de um terreiro. Também se chama “porteira” ou “porta” o espaço entre a assistência e o espaço dedicado aos médiuns de uma casa. (2016, p.184)





grupo, pelo terreiro... Ao publicar as entrevistas quase completas – editadas, claro, porque algumas conversas duraram muitas horas - damos ao leitor o acesso a estes universos individuais, que nos são tão agradáveis.

Recebemos os depoimentos de quem quis enviar e estão na seção Depoimentos. As imagens recebidas, recolhidas e o ensaio da Maria Celina Gil estão na seção Memórias fotográficas.

Foi um período de aprendizado intenso. Foram várias as situações, mas pensamos que uma diretriz foi muito importante e queremos deixá-la registrada aqui.

Com os trabalhos já em andamento, perguntei a uma das entidades do terreiro, o Baiano Severino, se

ele gostaria de sugerir alguma coisa para a publicação que nós não tivéssemos pensado ainda. A resposta dele foi: “Seja simples”, esclarecendo que deveríamos usar uma linguagem clara, simples, não rebuscada. Aplicamos o princípio ao trabalho como um todo: na capa, nos textos, nas imagens, trabalhando com ervas, cristais e as pessoas em si.

Naquilo que é aparentemente simples, repousa uma complexa rede de significados, trabalho e pesquisa. Ao compartilhar este trabalho inicial com todos, nosso desejo é que ele possa, em breve, ser ampliado e reunir muito mais informações.

Quem sabe a festa de 50 anos da Oca não vá trazer esta novidade?

Boa leitura!



*Imagens da corrente dos ciganos.*